

Empresário quer road show no Brasil

Para presidente de federação, programa do FMI deve ser explicado também aos brasileiros

PAULO SOTERO

Correspondente

WASHINGTON – Depois de ouvir os relatos sobre os bons resultados das visitas que as autoridades econômicas brasileiras fizeram aos grandes centros financeiros internacionais, para convencer os bancos a renovar suas linhas de crédito ao País, o presidente da Federação das Indústrias de Minas Gerais, Stefan Salej, não se deu por satisfeito. “Espero que, agora, eles façam um road show também no Brasil”, disse Salej, em Paris, onde participou da reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), na semana passada.

“É importante que o ministro da Fazenda, o presidente do Banco Central e outros membros da equipe econômica ponham o pé na estrada também dentro do Brasil e visitem as diferentes regiões para dar aos empresários, aos líderes sindicais, aos políticos locais as mesmas explicações convincentes que deram aos banqueiros na Europa, nos Estados Unidos e no Japão”, acrescentou Salej. “Por crucial que seja a presença dos credores e investidores externos neste momento de escassez de dólares na economia, são as decisões que os empresários brasileiros e os demais participantes na economia real tomarão no Brasil nas próximas semanas e meses que determinarão quando e como o País sairá da recessão e voltará a crescer, com juros e desemprego em queda e preços estáveis”, disse o empresário. “É isso que a política econômica do governo promete e todos nós queremos que aconteça.”

Um aliado declarado do presidente Fernando Henrique Cardoso, em janeiro Salej tomou a iniciativa nada

mineira e pouco comum entre líderes empresariais de criticar publicamente um político poderoso – o governador de seu Estado, Itamar Franco –, depois da moratória dos pagamentos da dívida de Minas Gerais com a União e com credores externos e ajudou a precipitar a crise de confiança com a qual o País agora se debate.

Salej não está sozinho em sua reivindicação. No fim da semana passada, o governo começou a receber a mesma sugestão de outros setores. Uma instituição financeira de São Paulo entrou em contato com o Banco Central para propor que seu presidente, Armínio Fraga, comece logo um road show nacional e prontificou-se a organizar sua apresentação na capital paulista. Embora não houvesse plano específico a respeito até

a sexta-feira, a palestra que Fraga fará terça-feira na sede da Confederação Nacional da Indústria (CNI) poderá marcar o início de um esforço organizado do governo de vender seu programa aos agentes da economia real, agora que este começa a produzir os primeiros resultados positivos. O fato de o presidente do BC ser uma face nova na equipe econômica, livre do forte desgaste político que o ministro da Fazenda, Pedro Malan, sofreu nas últimas semanas, o torna o porta-voz natural de uma ofensiva interna de promoção do programa

econômico, pois pode ser realizada como parte das visitas de apresentação que Armínio Fraga deveria fazer às diferentes regiões.

A expectativa de que o governo defende a política econômica de forma mais vigorosa do que fez até agora, dentro do País, é forte também entre os interlocutores externos. “Essa é a crise do presidente Fernando Henrique Cardoso”, disse Arturo Porzecanski, economista do banco de inves-

timentos ING Barings, que se alinha hoje entre os raros otimistas sobre as chances de o País vencer logo a recessão e entrar num ciclo de prosperidade sustentada. “Cabe ao presidente exercer a função de liderança para a qual foi eleito e apresentar ao País uma visão para os próximos quatro anos, porque os próximos quatro meses serão muito difíceis”, disse. A capacidade de Fernando Henrique de cumprir esse papel num período de adversidade com a mesma desenvoltura com que o fez quando as notícias eram favoráveis é umas das preocupações que permanecem entre credores, investidores e os governos dos países que apóiam a execução do programa de estabilização brasileiro, por meio do Fundo Monetário Internacional.

A afirmação da autoria e responsabilidade do programa econômico pelo Brasil é considerada essencial no próprio FMI. Seu diretor-gerente, Michel Camdessus, que na semana passada reiterou a decisão de recomendar o programa brasileiro à diretoria-executiva da organização, em reunião marcada para o dia 30, deixou isso claro ao recusar a culpa pelo agravamento da crise política brasileira e atribuí-lo a decisões políticas erradas tomadas dentro do País. “A atual recessão brasileira é resultado de erros cometidos pelos dirigentes desse País no ano passado e não de um programa imposto pelo FMI”, disse Camdessus em entrevista ao jornal econômico francês *Les Echos*. Numa óbvia alusão ao presidente e ao Congresso, o dirigente afirmou que “os brasileiros vão pagar um preço muito alto por suas tergiversações econômicas no período eleitoral e pós eleitoral”.

Ao encerrar, na semana passada, a apresentação do novo programa em Paris, num evento que teve a participação de Camdessus, Malan disse que o Brasil “não se considera vítima impotente de eventos externos fora de seu controle”. O desembolso de parte do empréstimo do FMI tende a reforçar esse argumento.

CAMDESSUS
DIZ QUE
BRASILEIROS
PAGARÃO CARO

**OUTROS
SETORES JÁ
FAZEM A MESMA
REIVINDICAÇÃO**